

Poucos campeões, muitos perdedores: concentração e internacionalização da indústria brasileira de carnes

Sérgio Schlesinger, Consultor FASE Brasil



Estudo de caso comissionado pela Global Forest Coalition (Coalizão Global de Florestas) como parte do relatório "O verdadeiro custo da carne"



FASE



**Global
Forest
Coalition**

Este relatório foi possível graças ao apoio da Misereor. As opiniões expressas neste relatório não necessariamente refletem a opinião da agência.

MISEREOR
IHR HILFSWERK

Poucos campeões, muitos perdedores: concentração e internacionalização da indústria brasileira de carnes

Sérgio Schlesinger – Consultor FASE Brasil

1. Introdução

A cadeia produtiva de carnes no Brasil é muito heterogênea. Em uma ponta estão criadores de animais, dos mais empobrecidos aos altamente capitalizados. Na outra, a chamada indústria frigorífica, responsável pelo abate de animais e processamento de carnes, cada vez mais sofisticada e globalizada.

Essa cadeia produtiva situa-se entre as maiores do mundo. O Brasil é o segundo maior produtor e exportador de carne bovina, o segundo maior produtor e o maior exportador de carne de frango. Destaca-se ainda na carne suína, onde ocupa a quinta posição na produção e a quarta nas exportações. Seu mercado interno é o destino da maior parcela das carnes produzidas: cerca de 80% da carne bovina e suína, e 70% da carne de frango. Ainda assim, as exportações têm papel importante, tanto no conjunto das exportações do Brasil quanto no volume total negociado no mercado internacional.

Nos últimos anos, ganhou destaque também a internacionalização das atividades das indústrias brasileiras de carnes. Com forte apoio financeiro do governo federal, foi adquirido por algumas delas um conjunto de empresas estrangeiras, com sede em diversos países. O apoio do Estado brasileiro se deu no âmbito da Política de Desenvolvimento Produtivo (PDP), que elegeu o setor como prioritário para a consolidação e internacionalização das empresas do país, tendo à frente o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) como financiador, investidor direto e articulador de fusões e aquisições. O PDP explicitava dentre suas metas setoriais: “(i) Consolidar o Brasil como o maior exportador mundial de proteína animal; (ii) Fazer do Complexo Carnes o principal setor exportador do agronegócio brasileiro”¹.

Esta política, conhecida como dos “campeões nacionais”, vigorou durante alguns anos, em passado recente. Os recursos foram utilizados, em boa parte, para fusões e aquisições de outras empresas, tanto no Brasil quanto em diversos outros países. Grandes conglomerados brasileiros encontram-se dentre os beneficiários desta política, destacando-se, no setor, a JBS-Friboi, a Marfrig e a Brasil Foods (BRF).

Os objetivos de concentração do setor e internacionalização das empresas foram alcançados. No caso da carne bovina, por exemplo, onze grandes exportadores respondiam por 70% das exportações em 2007. Em 2015, apenas três empresas (JBS, Marfrig e Minerva) realizaram 80% das exportações². Quanto à internacionalização, destaca-se a JBS. Atualmente, 90% de sua receita é gerada no exterior. Sem dúvida, os benefícios para os controladores dessas empresas são consideráveis. Mas resta conhecer os critérios adotados no direcionamento de recursos públicos volumosos para este setor e para a escolha de um pequeno número de grandes empresas beneficiárias.

1 <http://www.desenvolvimento.gov.br/pdp/index.php/politica/setores/carnes/133>

2 http://ri.minervafoods.com/minerva2012/web/conteudo_pt.asp?idioma=0&conta=28&tipo=40388

É preciso avaliar também o impacto da concentração de frigoríficos sobre os pequenos criadores de animais, os consumidores e o meio ambiente. E questionar os critérios de utilização dos recursos do BNDES, no sentido de assegurar que estes sejam direcionados para o estímulo ao efetivo desenvolvimento econômico e social, com sustentabilidade.

2. Os campeões

A política de “promoção da competitividade de grandes empresas de expressão internacional” foi iniciada pelo BNDES em 2007 e encerrada em 2013. Ela envolveu não só grandes frigoríficos, mas também os segmentos de petroquímica, celulose, siderurgia, suco de laranja, cimento, empresas de engenharia, telecomunicações e outros. Estima-se que naquele período o banco investiu recursos da ordem de R\$ 18 bilhões em apenas cinco empresas (JBS, Marfrig, Lácteos Brasil, Oi e Fibria), a maior parte delas atuantes em setores de baixa inovação (Souza, 2012). Além de estimular o crescimento de companhias com atuação global, os recursos oferecidos para as fusões de empresas nacionais destinaram-se também a salvar grandes companhias em dificuldades financeiras, fortalecendo ao mesmo tempo as empresas compradoras.

Para isso, elas receberam grande volume de recursos, não só através de empréstimos com juros subsidiados, mas também da compra de debêntures conversíveis em ações e aquisição pela BNDES Participações (BNDESPar) de parte de suas ações. Entre 2005 e 2014, os frigoríficos JBS, Marfrig, Independência e Bertin receberam, a título de participação acionária do banco, R\$ 11 bilhões. A BNDESPar é um fundo de investimentos do próprio BNDES, que detém todos os investimentos do banco em participação acionária. Os fundos de pensão das empresas estatais também têm elevada participação na capitalização dessas empresas.

Até 2002, o apoio à internacionalização se restringiu à capitalização através da participação acionária. Nesse mesmo ano, o banco modificou seu estatuto social, de modo a permitir que as aquisições no exterior pudessem ser objeto de seus empréstimos (Siqueira, 2016). No caso dos frigoríficos, tratava-se também de consolidar e expandir a liderança do Brasil como maior exportador mundial de proteína animal. O banco concentrou seu apoio em um número reduzido de empresas, que não eram necessariamente as maiores.

O BNDES nunca divulgou os critérios utilizados para eleger esta ou aquela empresa a ser beneficiada por essa política. As críticas apontam justamente a falta de transparência e o aporte de bilhões de reais a empresas que poderiam tomar recursos no mercado financeiro privado, enquanto as demais passaram a ter que enfrentar as consequências negativas do processo de concentração.

A falta de transparência, no entanto, está longe de ser a única crítica formulada por diversos analistas desta política, cujo objetivo central declarado era a conglomeração da economia. Algumas delas, especialmente para o caso dos frigoríficos, são: o aumento da dependência do Brasil à exportação de *commodities*, na ausência de um projeto de desenvolvimento para o país; o privilégio concedido a poucas empresas atuantes em setores de baixa inovação e valor agregado; o apoio a fusões e aquisições pouco produtivas do ponto de vista do desenvolvimento, especialmente quanto aos ganhos sociais e em inovação científico-tecnológica; a desconfiança quanto à capacidade do Estado para manter em mãos nacionais empresas capitalizadas com recursos públicos; o financiamento para projetos de retorno individual elevado, em setores nos quais as empresas são competitivas e, portanto, poderiam levantar recursos no mercado privado sem a ajuda do BNDES; a

desconsideração dos impactos negativos do ponto de vista social, sobretudo o uso de recursos para criação de empregos no exterior, e ambiental (Souza, 2010); a captura do Estado pelos grandes grupos privados, propiciando relações clientelistas (Garcia, 2011).

A aplicação destas políticas no setor frigorífico, em consequência, apresentou resultados os mais diversos. O grupo Minerva, até hoje um dos maiores frigoríficos do país, não foi contemplado, apesar de haver solicitado recursos ao banco. O Bertin, também um dos maiores até então, após receber R\$ 3,3 bilhões do BNDES, terminou absorvido pela JBS, em processo de fusão igualmente apoiado pelo banco. Já o grupo Marfrig recebeu R\$ 3,2 bilhões do BNDES, que passou a ser seu segundo maior acionista, com cerca de 20% do capital total. O banco liderou também o processo de fusão da Sadia com a Perdigão, que resultou na criação da Brasil Foods, um dos maiores gigantes mundiais na produção de carnes.

O Frigorífico Independência, quarto maior do país até então, recebeu em 2008 R\$ 250 milhões pela compra de 21,8% de seu capital pelo BNDES. Este montante, no entanto, não foi suficiente para enfrentar a crise financeira que a empresa atravessava. Três meses após o recebimento desses recursos, ela ingressou com pedido de recuperação judicial. A crise, segundo seu ex-presidente, teve origem no agigantamento da JBS, à qual o BNDES aportou o maior volume de recursos: R\$ 10,63 bilhões, de acordo com auditoria do Tribunal de Contas da União (TCU) realizada em 2015 (TCU, 2015). "Na política de campeão nacional, eu sou o perdedor nacional", afirmou o ex-presidente, na Comissão Parlamentar de Inquérito criada pela Câmara de Deputados para investigar estas operações do BNDES³.

De fato, a JBS foi a principal beneficiária do apoio proporcionado pelo BNDES ao setor, tornando-se a empresa mais internacionalizada do país, com 60% dos empregos gerados fora do Brasil, já em 2011. Este apoio é alvo não só das maiores polêmicas sobre a política do Banco. A empresa, em função de suas operações com o BNDES, assim como o próprio banco, vem sendo investigada no âmbito do Judiciário, do TCU e da Câmara de Deputados. A falta de transparência do BNDES levou o TCU a apelar ao Supremo Tribunal Federal para ter acesso a informações sobre as operações.

O caso da JBS nos remete também ao tema da política nacional, onde se transformou na empresa privada que fornece mais recursos financeiros para os partidos políticos e suas campanhas eleitorais. A data inicial de liberação dos recursos do banco estatal coincide com o aumento do volume das doações da JBS aos políticos. Desde que os recursos começaram a ser liberados, em 2005, a JBS já repassou R\$ 463,4 milhões a políticos e partidos nas eleições de 2006, 2008, 2010 e 2014⁴. A empresa vem sendo alvo da operação Lava-Jato, que investiga um grande esquema de desvio de dinheiro envolvendo a Petrobras, grandes empreiteiras e políticos do país.

Descrevemos a seguir, brevemente, a trajetória da Marfrig e da BRF no período aqui analisado. E, em maior detalhe, o caso da JBS, a empresa do setor frigorífico que, de longe, recebeu o maior volume de recursos destinados às empresas escolhidas pelo BNDES.

3 <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/09/1685965-sou-o-perdedor-nacional-diz-dono-de-frigorifico-que-faliu-a-cpi-do-bndes.shtml>

4 <http://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2015/01/28/doacoes-da-jbs-a-politicos-equivalem-a-185-de-emprestimos-com-bndes.htm>

Marfrig

Criada em 1986, a Marfrig Global Foods se expandiu fortemente a partir dos anos 2000. Em 2007, quando teve início a nova política do BNDES, a empresa abriu seu capital, com o objetivo de facilitar a captação de recursos necessários a seus planos de expansão. O BNDES fez, no período, aportes no total de R\$ 3,2 bilhões, passando a BNDESpa a deter 20% de seu capital.

A Marfrig é hoje a terceira maior produtora mundial de carne bovina e a segunda maior no Brasil. É a maior empresa privada e a maior processadora de bovinos no Uruguai, e a maior importadora de carne no Chile. Com 26 plantas e seis centros de distribuição no Brasil, na Argentina, no Uruguai e no Chile, ela tem capacidade para processar até 5 milhões de cabeças de gado, 2,1 milhões de ovinos e 1.204 toneladas de alimentos industrializados por ano⁵.

Seus planos de expansão no Brasil e de internacionalização envolveram a compra, em 2008, da Moy Park, uma das principais empresas de alimentos prontos da Europa, com unidades de processamento de aves na Inglaterra e na Irlanda do Norte. Em 2008 e 2009, foram adquiridas, respectivamente, a brasileira Seara e a norte-americana Keystone, ambas até então pertencentes à Cargill. No entanto, seu elevado endividamento resultou na venda à JBS da Seara, em 2013, e da Moy Park, em 2015. No mesmo ano, vendeu à Black Bamboo, da China, a maior parte das unidades na Argentina.

Em 2015, 59% da receita total da Marfrig vieram das empresas internacionais do grupo, Keystone e Marfrig Beef Internacional. Consideradas também as exportações da empresa no Brasil (20%), o mercado internacional respondeu por 79% de suas vendas totais (Marfrig, 2016).

Brasil Foods (BRF)

A Brasil Foods (BRF) foi criada em 2009, como resultado da fusão da Sadia com a Perdigão, que eram até então as duas maiores empresas brasileiras na área de proteína animal. A fusão, aprovada pelo Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) em 2011, deu origem a uma das maiores empresas mundiais do setor de alimentos.

A preocupação do BNDES com a desnacionalização do setor de carnes encontra fundamentação no caso da criação da BRF. Sadia e Perdigão eram tradicionalmente as duas maiores empresas do setor. Grandes multinacionais, como a francesa Le Dour e a norte-americana Cargill vinham, no entanto, aumentando sua presença no país, através da compra de empresas brasileiras. Sadia e Perdigão ensaiavam a fusão desde 1999. Em 2002 a Sadia, através de uma oferta agressiva de compra de ações, falhou na tentativa de incorporar a Perdigão.

A crise financeira global de 2008, no entanto, abalou fortemente a Sadia, que investira em derivativos cambiais no mercado financeiro. Como resultado, foi a Perdigão que terminou por absorver a Sadia, com apoio do BNDES, sob forma de participação acionária e empréstimos, e de fundos de pensão. Em 2008, o BNDES emprestou, por meio de operações diretas, R\$ 342,7 milhões para a Perdigão e R\$ 329,8 milhões para a Sadia.

Os fundos de pensão de empresas estatais, que já tinham participação acionária na Perdigão, fizeram novos aportes. Previ (Banco do Brasil), Sistel (Telebrás), Funcef (Caixa Econômica Federal), Petros (Petrobras), e Valia (Vale, que apesar de privatizada,

⁵<http://www.marfrig.com.br/pt/marfrig-global-foods/unidades-de-negocios/marfrig-beef>

seguia sob controle político do governo federal), que já detinham o controle acionário da Perdigão, também apoiaram a fusão. Ao final de 2009, estes fundos detinham 31,5% do controle da empresa.

A BRF é hoje a maior exportadora mundial de frangos e situa-se entre as dez maiores empresas globais de alimentos em valor de mercado, respondendo por mais de 9% das exportações mundiais de proteínas animais. Possui 35 plantas industriais no Brasil, onde trabalha com 13 mil produtores integrados.

De acordo com o relatório anual da empresa, sua receita líquida no exterior em 2015 já foi ligeiramente superior àquela obtida no Brasil (BRF, 2015). A BRF possui 16 plantas de produção: nove na Argentina, quatro na Tailândia, uma no Reino Unido, uma na Holanda e uma nos Emirados Árabes. Possui também 40 centros de distribuição em diversos países⁶.

A BRF intensificou em 2014 e 2015 seu processo de internacionalização, com a formação de *joint ventures*, a abertura de escritórios comerciais e aquisições de fábricas, marcas e distribuidores. No total, foram 11 grandes movimentos de *joint ventures* e aquisições, sendo cinco no Oriente Médio (Emirados Árabes Unidos, Omã, Kuwait, Qatar), dois na Ásia (Cingapura e Tailândia), dois na Europa (Reino Unido) e dois na América Latina (Argentina) (BRF, 2016). A empresa anuncia que seus planos priorizam novas aquisições nos países emergentes.

JBS

A JBS tem origem na abertura de um açougue em Goiás, pelo pai de seus atuais controladores, em 1953, com capacidade de processamento de cinco cabeças de gado por dia. Até 1969, ele segue alugando e comprando abatedouros da região. Neste ano, funda formalmente o frigorífico Friboi, hoje JBS-Friboi. Entre 1970 e 2001, a empresa tem sua primeira fase de expansão significativa no Brasil, adquirindo e investindo na ampliação de plantas já existentes. Em 2005, inicia sua expansão internacional, ao adquirir 100% do capital da Swift-Armour, maior produtora e exportadora de carne bovina na Argentina. Deu-se aí o primeiro apoio do BNDES à JBS, através de financiamento à sua internacionalização. Em 2006, já operava 21 plantas no Brasil e cinco na Argentina e aumentava sua capacidade de abate para 19,9 mil cabeças por dia.

A JBS foi a primeira empresa do setor no Brasil a abrir seu capital, em 2007, através de oferta pública de ações. Nessa ocasião, a BNDEpar comprou ações da empresa pela primeira vez, com aporte de R\$ 1,1 bilhão. Nesse mesmo ano, a empresa adquiriu plantas no Brasil, Itália, Austrália e Estados Unidos, iniciando um crescimento exponencial que se estende até os dias atuais. Em 2009, tornou-se a maior companhia do setor de proteína animal no mundo, após adquirir as norte-americanas Swift Foods e Pilgrim's Pride, e anunciar a incorporação da Bertin, sua maior concorrente direta no Brasil (Schlesinger, 2009).

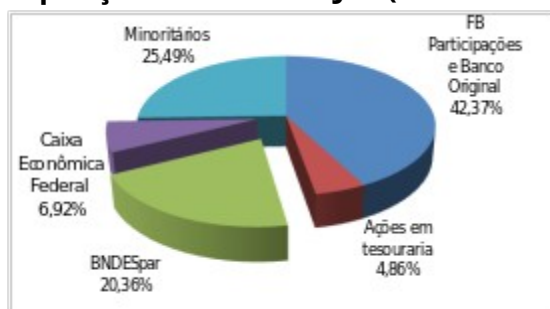
Entre 2005 e 2014 o BNDES concedeu à JBS financiamentos de R\$ 2,52 bilhões e adquiriu participação no capital da empresa no montante de R\$ 8,11 bilhões, perfazendo um total de R\$ 10,63 bilhões. "Esse apoio fez com que o Estado brasileiro se tornasse o maior acionista individual da empresa, com 34,66% de participação acionária da companhia até 2014 (embora seu controle seja exercido por um grupo privado)" (TCU, 2015). Em maio de 2016, essa participação era de 20,36%, de acordo com a JBS.

6 <https://www.brf-global.com/brasil/sobre-brf/quem-somos-nossa-historia>

Com o impulso do BNDES nos anos anteriores, a expansão da JBS no exterior não cessou em 2015. Adquiriu o grupo australiano Primo, a Tyson do México, a Moy Park, presente em vários países da Europa, que pertencia à Marfrig, a norte-americana Cargill Meat, em investimentos que totalizaram R\$ 21,6 bilhões (JBS, 2016). Como resultado, a JBS concluiu o ano de 2015 com apenas 55% de seus empregos diretos em terras brasileiras. Os restantes 45% se distribuíam pelos Estados Unidos, Europa, Austrália, México, Argentina, Canadá, Chile, China, Paraguai, Uruguai e Vietnã. Atualmente, o Brasil representa pouco mais de 10% das vendas da empresa, cuja receita líquida foi de R\$ 162,9 bilhões em 2015⁷.

A JBS é hoje a maior produtora e exportadora mundial de proteínas animais, maior empresa privada brasileira não financeira e segunda maior de alimentos do mundo, atrás apenas da suíça Nestlé. Até 2002, ela não aparecia nem mesmo entre as 400 maiores empresas em atividade no Brasil. Opera no processamento de carnes bovina, suína, ovina e de frango, e também na produção de alimentos preparados. Possui mais de 300 unidades de produção no mundo com capacidade para processar, por dia, mais de 80 mil bovinos, 14 milhões de aves, 110 mil suínos e 100 mil peças de couro⁸. Além disso, comercializa produtos de couro, higiene e limpeza, colágeno, embalagens metálicas, biodiesel, entre outros. Pertence também à J&F, controladora da JBS, a Eldorado Celulose, que conta ainda com participação minoritária dos fundos de pensão Petros e Funcef. A Eldorado está sendo investigada na Operação Lava-Jato. Possui também o Banco Original, fundado em 2011.

Composição acionária da JBS (maio de 2016)



Fonte: JBS

A compra de empresas em outros países é uma maneira de abrir as portas de mercados estratégicos que, em razão dos frequentes focos de febre aftosa e de outras doenças no Brasil, impõem barreiras sanitárias às exportações brasileiras. Com unidades de negócios como as dos EUA e a da Austrália, a JBS obtém acesso aos 50% do mercado mundial que permanecem fechados para o Brasil. A partir dessas novas unidades, pode alcançar compradores nos EUA, no Canadá, na China, na Coreia do Sul e no Japão, entre outros. Pode também exportar a partir de países para os quais, ao contrário do Brasil, não há barreiras sanitárias. Essa estratégia se aplica também ao caso das barreiras comerciais. Estabelecendo-se em outros países, os frigoríficos não só acessam o mercado interno dos países onde se instalam, como passam a usufruir dos diversos acordos comerciais estabelecidos mundo afora.

7 <http://www.valor.com.br/agro/4558625/jbs-transfere-ativos-para-empresa-na-irlanda-que-abrira-capital-em-ny>

8 <http://jbss.infoinvest.com.br/static/ptb/perfil-corporativo.asp?idioma=ptb>

Bye, bye, Brasil

Uma crítica frequente à política dos campeões diz respeito à total falta de garantia de que os recursos públicos repassados aos frigoríficos para a aquisição de empresas no exterior um dia retornarão ao Brasil. Essa preocupação teve confirmado seu fundamento em maio de 2016, quando a JBS anunciou a decisão de transferir para a Irlanda aproximadamente 80% de seus negócios, em termos de receitas. Para isso, deverá ser criada a JBS Foods International, cujas ações serão listadas na bolsa de Nova Iorque. A Irlanda é considerada paraíso fiscal, e grandes multinacionais como Google e Apple transferiram suas matrizes para aquele país, em manobra chamada de inversão fiscal.

A previsão é de que só ficarão no Brasil os negócios com bovinos no país e outros de menor expressão, como couros e biodiesel, em mãos da JBS Brasil. E de que esta seja controlada pela empresa internacional que terá sede na Irlanda. De acordo com Wesley Batista, presidente da JBS, a principal vantagem destas mudanças seria dispor de melhores condições para acessar o mercado financeiro internacional, tendo também maior estabilidade ao se livrar da arriscada utilização de derivativos cambiais para se proteger das oscilações do dólar frente ao real⁹.

Assim, consumada a operação, tudo terminará exatamente ao contrário do preconizado pela política dos campeões nacionais: a JBS terá sido transformada em uma grande corporação transnacional estrangeira, com uma subsidiária no Brasil. O exemplo demonstra o quanto é instável a nacionalidade de uma empresa.

3. Consequências da concentração

A iniciativa governamental de criar esses campeões representa, sem dúvida, um sucesso para seus controladores. Mas representa também uma derrota para muitos dos frigoríficos excluídos. Somente em 2008 e 2009, período em que a JBS e a Marfrig cresceram vigorosamente, e quando a BRF era criada, dezessete outros frigoríficos faliram¹⁰.

O impulso inicial do governo promove até hoje a expansão das grandes empresas, aumentando a concentração de mercado nos planos nacional e internacional. Assim, os grandes frigoríficos vão ampliando seu domínio sobre toda a cadeia produtiva de carnes, nos planos doméstico e internacional.

No período em que o BNDES adotou a chamada “política dos campeões nacionais”, a concentração do abate de bovinos no Brasil nas três maiores empresas frigoríficas se elevou de forma exponencial. Somada, a participação dessas empresas passou de 14,3%, em 2006, para 48,3%, em 2013. O crescimento da participação da JBS no mesmo período foi o mais expressivo: de 6,5% para 27,9%. Quanto aos frangos, JBS e BRF, juntas, já detêm 56% dos abates e 70% das exportações no Brasil.

9 <http://ijf.org.br/?p=1518>

10 <http://www.otempo.com.br/capa/pol%C3%ADtica/sou-o-perdedor-nacional-diz-dono-de-frigor%C3%ADfico-que-faliu-%C3%A0-cpi-1.1121204>

Participação dos três maiores frigoríficos de bovinos no abate total* (cabeças) -- Brasil

	JBS	Marfrig	Minerva	Particip. 3 maiores
2006	6,5%	5,2%	2,6%	14,3%
2010	21,2%	9,1%	4,9%	35,2%
2013	27,9%	14,6%	5,8%	48,3%

Fonte: elaboração própria, com base em dados do IBGE e Santos, 2015

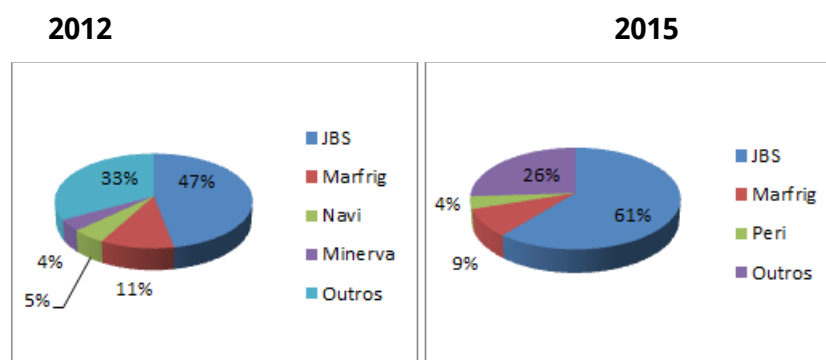
* Abates sob o Sistema de Inspeção Federal (SIF)

Impactos sociais

Em Mato Grosso do Sul, estado que possui o quarto maior rebanho bovino do país, a concentração do mercado de carne bovina segue crescendo. Estudos realizados pela Federação da Agricultura e Pecuária do estado (Famasul) mostram que, entre 2012 e 2015, a participação dos frigoríficos da JBS no total da capacidade instalada naquele estado subiu de 47% para 61%. A Associação de Matadouros, Frigoríficos e Distribuidores de Carne de Mato Grosso do Sul (Assocarnes) aponta que a JBS arrendou frigoríficos com o intuito exclusivo de fechá-los, garantindo assim a oferta de gado bovino para suas unidades¹¹.

Como resultado dessa concentração, pequenos criadores, que possuem pouca estrutura de acesso ao mercado, tendem a se tornar cativos dos grandes frigoríficos, que passam a pagar-lhes preços menores, apropriando-se de suas margens de lucro. A concentração e a possível formação de oligopólios podem acarretar também aumento dos preços para os consumidores, em nível nacional e global.

Capacidade instalada dos frigoríficos de Mato Grosso do Sul - 2012 e 2015



Fonte: Mascarenhas et. al, 2012 e 2015

A pecuária bovina é, historicamente, uma das atividades econômicas com maior incidência de flagrantes de situações análogas às do trabalho escravo no Brasil. Em 2014, de um total de 1.590 trabalhadores registrados nessas condições, 228 trabalhavam na pecuária. De acordo com a ONG Repórter Brasil, "Nas fazendas de gado, quando há prática da escravidão, os relatórios de fiscalização do Ministério do Trabalho apontam condições de trabalho extremamente graves"¹². É também a atividade agropecuária que menos gera empregos por área ocupada: uma média de um emprego a cada 500 hectares.

¹¹ <http://www.portaldbo.com.br/Revista-DBO/Destaques/Frigorificos-fechados-crise-ou-ajuste/13526>

¹² <http://www.reporterbrasil.org.br/exibe.php?id=1603>.

A expansão das áreas de pastagem é a maior responsável pela expulsão de populações rurais, que migram para as cidades ou para áreas onde a pressão pela posse da terra é menor. Ao longo dos séculos, áreas antes ocupadas por agricultores familiares e populações tradicionais, como indígenas e quilombolas, foram ocupadas pelo gado. Com isso, a produção de alimentos diversificados é também prejudicada.

Os três maiores frigoríficos no Brasil são também campeões nacionais em acidentes de trabalho. A JBS aparece em primeiro lugar, seguida da BRF e da Marfrig. Entre 2011 e 2014, foram 4.867 os acidentes nas plantas de abate e corte da JBS comunicados à Previdência Social. O índice de subnotificação no setor, no entanto, indica que o número é apenas uma pequena amostra. Segundo o Ministério Público do Trabalho, 90% a 95% dos acidentes no setor não são notificados¹³.

Na cadeia produtiva de frangos e suínos predomina amplamente o modelo de integração vertical, onde, através de uma relação contratual, os produtores recebem da agroindústria pintos de um dia, ração, medicamentos e assistência técnica, criam os animais até a fase de abate e os repassam à agroindústria. Ação recente do Ministério Público do Trabalho (MPT) de Santa Catarina constatou que a maior parte (73%) dos produtores que trabalhavam sob contrato com o frigorífico Sadia recebia pagamento inferior aos custos de produção. De acordo com o MPT, "*Eles financiam a atividade econômica da empresa Sadia S.A. às custas de seu próprio empobrecimento, adoecimento e endividamento com entidades financeiras*"¹⁴. Chamam atenção também as precárias condições de trabalho de funcionários dos frigoríficos.

4. Impactos ambientais

Por suas dimensões territoriais, a pecuária bovina provoca grandes impactos sobre os recursos naturais. Merece destaque também a elevada participação da pecuária na emissão total de gases do efeito estufa no Brasil. As emissões decorrentes da fermentação entérica resultantes do processo digestivo do rebanho bovino representam a maior fatia das emissões do setor pecuário.

O rebanho bovino do Brasil em 2016 é estimado em 214 milhões de cabeças, número superior ao de sua população (206 milhões). As áreas de pastagem atuais, somadas àquelas já degradadas e abandonadas pela própria atividade, superam os 200 milhões de hectares, que correspondem a cerca de um quarto do território do país.

Os recentes ciclos de expansão são o principal fator de destruição da Amazônia e do Cerrado. Embora as atenções mundiais estejam voltadas quase exclusivamente para a preservação da Amazônia, os números sobre o crescimento da área ocupada pela pecuária bovina indicam o bioma Cerrado como o mais atingido pela expansão desta produção nas últimas décadas.

Na criação e processamento de frangos e suínos, chama atenção a alta geração de resíduos, desde restos dos animais até seus dejetos, elevado consumo de água e sua contaminação por efluentes líquidos, que podem comprometer a vida aquática das regiões de produção, assim como as emissões de gases do efeito estufa.

No Brasil, o gigantismo da indústria avícola também a expõe, junto aos seus próprios consumidores, a críticas e dúvidas cada vez mais frequentes sobre a qualidade dos produtos. O uso intensivo de antibióticos e o pouco cuidado com as questões de bem-estar animal, em razão notadamente do modelo de confinamento, são objeto de

13 <http://apublica.org/2015/06/friboi-a-campea-nacional-em-acidentes/>

14 <http://mpt-prt12.jusbrasil.com.br/noticias/2368917/ministerio-publico-do-trabalho-em-chapeco-processa-empresa-sadia>

contestações crescentes. Pelo lado da saúde pública, em todo o mundo, discute-se a emergência de bactérias resistentes a antibióticos (Demattê Filho e Moruzzi, 2014).

5. Conclusões

O investimento na criação e expansão de multinacionais brasileiras pressupõe a crença de que o capital tem pátria, e a ela sempre será sempre fiel. O anúncio da mudança da JBS para a Irlanda é apenas mais um exemplo de que essa crença não tem fundamento. E confirma que a perspectiva de que essas empresas promoverão o retorno ao Brasil do capital público nelas investido, a partir de seus lucros fora do país, não se concretizará.

Se a nacionalidade das multinacionais, brasileiras ou não, está ainda por ser definida, os efeitos da concentração do poder de mercado das empresas do setor frigorífico tornou-se realidade a partir da intervenção do BNDES. O setor, antes pulverizado no país, assumiu a forma de um oligopólio, reduzindo as alternativas de vendas de pecuaristas, e de compras, no caso dos consumidores. É esse o resultado de fusões, aquisições e do fechamento de pequenos frigoríficos.

A escolha deste setor como alvo da política governamental de incentivos, da qual o BNDES é o principal instrumento, é questionável por diversas razões, assim como a eleição de determinadas empresas do segmento em detrimento de outras, cujo critério nunca foi explicitado. Os recursos a ele destinados produziram melhores resultados, seja do ponto de vista social ou ambiental, caso fossem destinados à produção familiar de alimentos diversificados.

As alegações são de que se trata de um setor no qual o Brasil é fortemente competitivo e de que o BNDES financia a partir da demanda das empresas. Acreditamos que essa seria uma função de bancos privados. O que se deve esperar de um banco do Estado voltado para o desenvolvimento econômico e social é o oposto. Fatores como capacidade de geração de postos de trabalho, sustentabilidade ambiental, desenvolvimento da ciência e da tecnologia e outros precisam ser considerados na priorização dos financiamentos. Convém lembrar que o Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT) é a principal fonte de recursos do BNDES. Além disso, o Brasil é carente em infraestrutura, como a de saneamento e transporte público, de saúde e educação. A construção dessa infraestrutura gera empregos em quantidade e benefícios para toda a população.

Do ponto de vista do comércio exterior, a escolha do setor pecuário aprofunda a dependência, que já era extrema, das exportações de *commodities* de baixa inovação e valor agregado, como produtos agrícolas e minérios. O Brasil já se submete a uma relação de trocas desigual em seu comércio exterior, ao exportar *commodities* e importar produtos de alto conteúdo tecnológico. Não faz sentido o banco de fomento ao desenvolvimento do país direcionar recursos públicos para que uma empresa que já vende carnes simplesmente passe a vender ainda mais carnes.

Referências

ALMEIDA, M. *Desafios da real política Industrial brasileira do Século XXI*. Ipea, 2009. http://ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/TDs/td_1452.pdf, acesso em 02/08/16.

BRF. *Relatório Anual 2015*. 2016. <https://www.brf-global.com/brasil/responsabilidade-corporativa/relatorio-anual>, acesso em 23/07/16.

DEMATTÊ FILHO, F.; MORUZZI, P. *Dinâmica tecnológica da cadeia industrial da avicultura alternativa: multifuncionalidade, desenvolvimento territorial e sustentabilidade. Segurança*

Alimentar e Nutricional. Campinas, 2011.
http://www.cpmo.org.br/artigos/artigo_dematte_revista.pdf, acesso em 13/11/15.

GARCIA, A. *BNDES e a expansão internacional de empresas com sede no Brasil*. 2011.
<http://www.auditoriacidada.org.br/wp-content/uploads/2013/10/bndes-e-a-expansao-internacional-de-empresas-com-sede-no-brasil.pdf>, acesso em 22/07/15.

JBS. *Relatório da Administração 2015*. 2016. http://jbss.infoinvest.com.br/ptb/3605/DF%20JBS%20311215%20Portugues_Parecer%20e%20RA%20Completo%20Final.pdf, acesso em 23/07/16.

MARFRIG. *Relatório da Administração 2015*. 2016.
http://ri.marfrig.com.br/PT/Documentos/3856_2015-4T%20MFG_RADM_PORT_v20_LIMPA20hrs.pdf, acesso em 25/07/16.

MASCARENHAS, A. et. al. *Participação de Mercado das Indústrias frigoríficas em Mato Grosso do Sul*. Famasul e Unitec, 2012 e 2015. <http://famasul.com.br/public/banco-de-imagens/6848-artigo-10-artigo-frigorificos-em-ms-maio-2015.pdf>, acesso em 25/09/15.

SANTOS et al. *O complexo agroindustrial da carne bovina*. Sober, 2015.
http://www.cepea.esalq.usp.br/pdf/Complexo_carne_comautor.pdf, acesso em 25/09/15.

SCHLESINGER, S. *Onde Pastar? O gado bovino no Brasil*. Fase, 2010. <http://fase.org.br/wp-content/uploads/2010/06/Onde-pastar.pdf>, acesso em 20/12/10.

SERRAT, D. *Intervenção do Estado na economia – a participação acionária do BNDES e dos fundos de pensão de estatais para a criação da BRFoods*. 2012.
<http://www.tcc.sc.usp.br/tce/disponiveis/89/890010/tce-01082013-085559/publico/TCCDanielaMottaMonteSerrat.pdf>, acesso em 22/07/16.

SIQUEIRA, M. *Os determinantes da internacionalização das empresas brasileiras do setor de carne bovina*. USP, 2016. <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/11/11132/tde-04052016-110931/?&lang=pt-br>

SOUZA, A. *BNDES, campeões nacionais, expansionismo e integração regional*. 2012.
<http://www.aahe.fahce.unlp.edu.ar/jornadas-de-historia-economica/iii-cladhe-xxiii-jhe/ponencias/Matos%20Souza.pdf>, acesso em 18/07/15.

TCU. *Auditoria nas operações de crédito e de mercado de capitais realizadas pelo BNDES e pela BNDESparg com o grupo JBS*. Tribunal de Contas da União, dezembro de 2015.
<http://portal.tcu.gov.br/lumis/portal/file/fileDownload.jsp?fileId=8A8182A151356F96015181D739787E32>, acesso em 18/07/15.